

SE ELE FOR EU VOU!

(Publicado no jornal O POVO, em 13 de dezembro de 2011)

Gilberto Freyre, o pernambucano mais arretado do mundo (depois de Alceu em “La Belle de Jour”), ao ser convidado para uma solenidade, arremedou: “se ELE for eu não vou!”.

O que levaria nosso sociólogo mor aos píncaros de uma desfeita desta? Ah! É um tal de “coffee-break” na programação do evento, nos conta divertidamente o Professor Pinheiro, nosso deputado cidadão.

Freyre tem razão. Por que nossos eventos insistem neste chato anglicismo? Melhor que “coffee-break” seria merenda, intervalo, ou outro palavreado sem aspas ... (né não?). Mas o que depreender de Freyre com este “piadismo colonizatório” ?

Sábado passado, em um restaurante da vila, vi uma cena de fazer corar Freyre e sua democracia racial: entra uma “madame” com berimbelos dourados, “marido rico” na pesada maquiagem, dois bruguelos e uma babá acintosamente de branco. A bronca na babá deixou o recado de que a “de branco” não pertencia à mesma tribo. Freyre teria arremedado: “se ELA, a madame, for eu não vou”.

Fiquei a lamentar a “Casa Grande e Senzala” que ainda nos persiste. O porteiro a quem sovina um simples “bom dia”. O “você não sabe com quem está falando” que nos escapa. A idolatria ao poderoso... que “nunca está nu”. O indefeso garçom destrutado (cuidado com a vingança do cuspe na comida).

Felizmente, neste mesmo sábado, estive na Escola Técnica do meu diretor Cesar Araripe, hoje IFCE, onde o reitor Cláudio Ricardo homenageou um super ex-aluno que anima a nós terráqueos, orgulha os cearenses, sinaliza novos rumos para uma Fortaleza menos provincial, sem “babás de branco”.

Trata-se de Cláudio, filho de Hulda e Homero Lenz Cesar, educadores por excelência. Claudio Lenz Cesar foi listado pela VEJA como um dos 50 brasileiros mais inovadores (O POVO, 26/11/11). Sua humildade em sentir-se embaraçado por estar na mesma lista de João Gilberto faria Freyre arremedar prazerosamente: “Se ELE for eu vou!”

Mauro Oliveira

Professor do IFCE e PhD em Informática